

# *"Dia do Índio": Um Dia Como Outro Qualquer?*

Vânia de Fátima Noronha Alves<sup>1</sup>



**RESUMO:** *Todos os povos, em todas as sociedades, possuem datas especiais em seus calendários, passíveis de comemorações. O calendário brasileiro contempla festejos oriundos de motivos religiosos (Natal, Páscoa, etc); cívicos (Descobrimento do Brasil, Independência, etc); os comerciais (Dia das Mães, dos Pais, etc). Também os grupos minoritários de nossa sociedade são contemplados com dias especiais, é o caso do Dia da Mulher, da Consciência Negra, do Índio, etc. Tratarei nesse artigo, desses últimos, que antes da chegada dos portugueses ao Brasil, desfrutava de todos os dias, entretanto a conquista provocou várias mudanças na estrutura territorial, social e política do país. Foi preciso, então, estabelecer um dia para que o povo brasileiro pudesse lembrar àqueles que foram os primeiros moradores de nossas terras, formadores de nosso*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação FAE/UFMG; Especialista em Lazer; Especialista em Educação Física Escolar; Membro do CELAR.

povo. Muitos de nós consideramos os índios como seres do passado, exóticos e folclóricos, por falta de conhecimentos relativos à essas etnias. As festas escolares, na maioria das vezes, reproduzem essa representação presente no imaginário coletivo. No entanto, o Dia do Índio é uma farsa, pois a realidade por eles vivenciada, não carece apenas de comemorações e sim, de reflexões e ações, de respeito, de dignidade, de reconhecimento da cidadania, da conquista de direitos. Para as nações indígenas é mais um dia para lembrar massacres, derramamentos de sangues, e também de festa, pois afinal, agora ele só tem o dia 19 de abril. Este artigo pretende refletir sobre essas questões, finalizando com a descrição de uma festa em comemoração ao Dia do Índio junto ao povo Pataxó de Minas Gerais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dia, índio, festa.

## Redescobrimdo o Brasil

A virada do milênio trás para nós brasileiros mais um grande motivo de “festas e alegrias”: são as comemorações dos 500 anos do “descobrimento do Brasil”. O palco já está sendo montado. A população, a todo momento está sendo convidada para envolver-se com o acontecimento. Na mídia, concursos de logomarcas estão sendo propostos, enquanto uma contagem regressiva já está sendo feita por meio de relógios digitais instalados em algumas capitais, e a serem instalados em todas as outras até o ano 2000. Mas, a grande expectativa é a execução do projeto do Museu do Descobrimento, que será construído em Coroa Vermelha (BA), local onde foi celebrada a primeira missa, em homenagem as três raças formadoras do povo brasileiro.

Será que existe mesmo motivo para tanta euforia? A começar pelo motivo da festa, penso que não, pois o suposto descobrimento não foi sequer uma invasão do território de pessoas que por aqui já viviam: os índios. Então, o quê comemorar?

Um dado interessante encontrei nos estudos históricos desenvolvidos por OLIVEIRA (1989), em relação ao suposto dia do “descobrimento”. Segundo a autora, o Decreto nº 155-B, de 14 de janeiro de 1890, do Governo Provisório oficializa como dia de tal acontecimento o dia 3 de maio e decreta-o como dia de festa nacional. Esse dado nos permite questionar a própria data do “descobrimento”.

Neste artigo, intitulado “As festas que a República manda guardar”, a autora afirma que essas festas têm uma função pedagógica e unificadora, uma vez que reduzem as diferenças existentes. Seguindo essa linha de raciocínio,

faz uma análise de como as mesmas entraram nos ritos escolares, mostrando que na transição do Império para a República, “a comemoração pretendia exorcizar o esquecimento”. Assim, “as datas, heróis, monumentos, músicas e folclore se conjugam na montagem da memória nacional e, se esta tem consistência, produz-se um importante reforço à coesão social” pois garantem a “obediência, a lealdade e a cooperação dos súditos, ainda mais quando esses tinham-se tornado cidadãos” (OLIVEIRA, 1989, p. 173-174).

Sinto-me impulsionada a pensar que as análises feitas por Oliveira, em relação ao final do século passado, retornam à cena, ao refletirmos todo esse alarde feito em torno dos 500 anos do Brasil, os princípios são os mesmos. Entretanto, não pretendo discutir aqui outros motivos que, no meu entender, “jogariam um balde de água fria” em tamanho investimento, como por exemplo: as estatísticas de desemprego, do analfabetismo, os índices de violência, as precárias condições de saúde, e tantos outros, que colocam o Brasil como um dos piores países do mundo, em termos de qualidade de vida.

### **“Dia do Índio”: esse a República não mandou guardar**

Ao longo desses cinco séculos de história, sabemos que milhares de povos foram exterminados, dizimados, extintos pela dominação de uma cultura que em nossas terras teimou em prevalecer. Estima-se que nos tempos da conquista, eram seis milhões de índios com 1.300 línguas existentes no país. Em torno de um milhão de pessoas e cerca de 200 povos foram exterminados em cada século, vítimas de guerras inter-étnicas, doenças, mestiçagem forçada e ainda, dos processos educativos (MONTE, 1998). Será que esses dados históricos são para serem esquecidos?

Restam hoje um número próximo a 300 mil indivíduos, distribuídos em 206 etnias sendo que apenas quatro grupos possuem mais de dez mil pessoas. Ao todo são faladas 180 línguas diferentes. Esses povos ocupam hoje 12% da extensão do território brasileiro, em 517 áreas indígenas, algumas já regulamentadas, outras em conflitos com fazendeiros, garimpeiros e posseiros (MONTE, 1998).

É muito comum falarmos em “cultura do índio”, mas isso é um equívoco, pois só no Brasil são várias culturas diferentes, onde cada povo possui um modo de viver e de ver o mundo próprios de sua etnia, mas antes de tudo, são

brasileiros como nós. Kaká Werá Jecupé, um índio txucarramãe, em recente passagem por Belo Horizonte, disse que o homem branco chegou muito perto dos povos indígenas, e no entanto, manteve-se distante, atirando no esquecimento toda a riqueza da tradição, do pensamento e da espiritualidade dos mesmos, uma vez que não permitiu o diálogo inter-étnico. Segundo ele, os índios são possuidores de uma sabedoria muito profunda, que tem muito a trocar com a nossa cultura ocidental, ligada à Mãe-Terra, ao Pai-Céu, afinada com aquele que ninguém o conhece: "o Grande Mistério", "o Espírito Sagrado", "o Criador", "Tupã", "Deus"<sup>2</sup>.

Como se vê, não dá mais para considerar os índios como seres folclóricos, exóticos, nem fecharmos os olhos para a realidade por eles vividas. Para falar só da situação dos de Minas Gerais, poderíamos citar os Maxakali e os dois sérios problemas enfrentados, um em relação a terra que há muito foi homologada, mas falta vontade política do Governo Federal de retirar os fazendeiros das mesmas, e o outro, o alcoolismo; ou os Xacriabá, com uma população de 6 mil pessoas convivendo com a fome e a seca, e ainda, os Kaxixó e a luta pelo seu reconhecimento étnico.

Onde estão as razões para tanto descaso, esquecimento e descomprometimento dos nossos governantes e da própria sociedade, com esses povos? O maior exemplo encontra-se no fato dos mesmos só serem considerados cidadãos na última Carta Constitucional, em 1988. Porém, as lutas pelas conquistas de seus direitos continuam. Em Belo Horizonte, entidades envolvidas com as causas indígenas realizaram, na Semana do Índio, no último mês de abril, um seminário tendo como eixo central de discussões o novo estatuto e os direitos indígenas.

Assim, pensar no "Dia do Índio" é sensibilizar todos os brasileiros para esse real diagnóstico. É comprometer-se com uma causa social mais ampla, uma luta de todos nós que acreditamos no ser humano como cidadãos possuidores de direitos, valores, princípios e dignidade, merecedores de reconhecimento. É desmistificar o imaginário coletivo que acredita na imagem idílica do índio *que vive pelado, pintado de verde, num eterno domingo...*

A escola é o espaço privilegiado para as comemorações das tradicionais festas do Dia do Índio. Quantos de nós educadores já nos vimos envolvidos, no entanto, na maioria das vezes reproduzimos essa representação, ao sugerir

---

<sup>2</sup> Notas da palestra proferida no lançamento de seu livro "A Terra dos Mil Povos", Belo Horizonte, 14/05/98.

danças, jogos e brincadeiras para nossas crianças, herdadas dos índios, como se esses não mais existissem. É preciso dizer que eles continuam convivendo com nossa sociedade, enfrentando dificuldades para se manterem enquanto culturas, que possuem características diferentes das nossas, mas nem por isso devem ser considerados como inferiores.

Existem atualmente, vários livros e vídeos que abordam a temática indígena e como ela deve ser tratada em nossas escolas. Muitas vezes, nós, educadores, precisamos vencer o nosso próprio preconceito em relação à esses povos. Um exercício interessante é o de observarmos o noticiário e como são as reportagens que envolvem os índios. Esses quase sempre são tratados como pessoas agressivas, que querem alterar a ordem no país, mas quem não se lembra do índio Galdino ou do incêndio em Roraima e a situação enfrentada pelo povo Yanomami. Só mais um dado: nos últimos três anos, 42 índios foram assassinados por não-índios, os números foram registrados pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário) que ainda não contabilizou os de 1998; mais uma tragédia ocorreu no dia 21/05/98 e a vítima foi um cacique, líder do movimento pela conquista das terras do povo Xucuru (PE)<sup>3</sup>.

Os últimos acontecimentos envolvendo povos indígenas em todo o país, têm provocado uma maior inserção de suas questões na mídia, no entanto me causou estranheza o fato do jornal de maior circulação no país, não ter feito alguma referência a data, mesmo tendo ocorrido num domingo, dia consagrado às festas.

A antropologia continua nos oferecendo elementos para a compreensão das diversas culturas e cada vez mais outras disciplinas aproximam de seu referencial teórico com essa finalidade. Interessante observar que a visão evolucionista de cultura, herdada de Tylor, onde a mesma aparece como um conjunto de modos de ser e de viver consagrado e, por isso, regido por critérios de tradicionalismo, estabilidade e até mesmo de uma certa atemporalidade, há muito foi abandonada. Nesse sentido, BRANDÃO (1995, p. 85) afirma que

*“é preciso entender que a cultura não é um conjunto de tradições residuais, de experiências feitas nas névoas do passado, externamente ao processo de construção social da história das pessoas, das sociedades, dos povos e até mesmo das nações. (...) Ela é a particularidade por meio da qual os*

---

<sup>3</sup> Jornal do Brasil, 21/05/98.

*grupos sociais reproduzem as suas condições de vida material, elaboram suas normas de organização da vida em sociedade e de conduta dos diferentes sujeitos como códigos de regra e princípios, e, finalmente, atribuem sentidos e significados às suas experiências - traduzindo tudo isso no seu sistema de crenças, valores, visões de mundo e identidade social, étnica, sexual, profissional, etc."*

Outro autor que vem debruçando-se sobre os estudos da cultura é GEERTZ (1989). Este, apóia-se em Weber e o seu entendimento que o homem é um animal amarrado as teias de significados que ele mesmo teceu, para assumir um conceito semiótico de cultura *como sendo essas teias e suas análises* (p.15). Neste sentido, *"a cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem"* (p.321).

Inspirada nas reflexões propostas por esses dois autores, passo a escrever sobre o povo Pataxó, culminando com a experiência por mim vivenciada por ocasião das comemorações do último Dia do Índio. Certamente, uma pesquisa etnográfica sobre a festa entre eles, propiciaria uma leitura mais ampla dos seus sentidos e significados, o que demandaria um tempo maior de pesquisa e observações. As informações aqui descritas são pautadas nos estudos que venho desenvolvendo, nos contatos com representantes da etnia, na visita em área no momento da festa e no objetivo proposto para o artigo.

## O povo Pataxó

Os Pataxó foram os primeiros povos a fazerem contatos com os portugueses na época do "descobrimento". De lá para cá, como grande parte dos povos indígenas do Brasil, foram vítimas de massacres, extermínios, doenças, que trouxeram grandes mudanças em sua cultura. A principal delas foi a perda da língua nativa. Muitos deles estão envolvidos com a tentativa de recuperá-la e são bastante esperançosos nessa investida, uma vez que fazem parte do mesmo tronco lingüístico *Macro-Jê* dos Maxakali. Os quase 200 representantes dessa etnia em Minas Gerais, vieram de Barra Velha na Bahia e residem desde a década de 70, na Fazenda Guarani, próximo ao município de Carmésia, a 220 km de Belo Horizonte, o que permite a eles um alto grau de inserção na vida urbana envolvente.

Um passeio pela reserva nos coloca diante dessa realidade. A estrutura

da aldeia com ruas, casas de alvenaria, alguma antenas de TV (inclusive parabólicas) demonstram um quadro bem mais familiar para nós do que, certamente, para eles e seus antepassados. Entretanto, as condições de moradia, saneamento básico, saúde, alimentação, deixam muito a desejar.

Por outro lado, a natureza, a floresta, a cachoeira, os tanques de piscicultura, as roças, nos remetem à uma paisagem bem peculiar. Além disso, uma prosa descontraída com os índios mais velhos nos colocam diante da verdadeira história dessa nação.

Mesmo convivendo com essa ambigüidade de situações o Pataxó conserva as características de guerreiro e lutador. Isso fica claro nas palavras de Walmores Pataxó:

*“Sinto dentro, no fundo do meu coração, da minha alma, um espírito guerreiro do índio Pataxó. É esse espírito que me dá mais disposição, mais coragem, mais força de vontade para lutar pela dignidade do meu povo” (1998, p.63).*

O índio Kanatyó Pataxó descreve sobre o cotidiano em sua aldeia afirmando que eles levantam bem cedo e depois de comer (banana assada, mandioca) as crianças vão para a escola, os pais para o trabalho. Os serviços mais pesados são feitos por homens, como cuidar da roça, capinar, carregar lenha, e ainda fazer a lança. Cabe às mulheres cuidar das crianças, da casa, colher e semear o milho, fiar o tucum e conversar com as meninas. As crianças podem fazer o que quiserem, são livres, e é muito difícil dar uma *cipoada* neles. O artesanato é a fonte de sustento. Os rituais religiosos seguem as características dos antigos. Para eles, a floresta é a vida. Possuem algumas coisas sagradas, a pedra, por exemplo, representa um espírito forte que traz força, é uma boa união de família. Voltarei a falar sobre a pedra na cultura Pataxó mais adiante.

Todos os nascimentos, casamentos e óbitos são registrados pelo Chefe de Posto da Funai, residente na reserva. Ao nascerem, alguns bebês Pataxó recebem nomenclatura indígena, outros por sua vez, recebem dois nomes, um indígena, que define como deverão ser tratados na aldeia, e outro, em português ou americanizados, que são a maneira como nos são apresentados.

Na Fazenda Guarani existem hoje duas escolas, onde as crianças Pataxó estão desenvolvendo seus etnoconhecimentos, além de entrar em contato com a lógica que domina a construção do conhecimento e o modo de vida do “não-

índio". Experiências com a educação escolar indígena, são ainda recentes no país, porém, é uma reivindicação antiga de todas as nações, que só passou a ser atendida após a última Constituição.

### **“Mas agora ele só tem o dia 19 de abril...”**

Em todo o mundo encontramos autores interessados em escrever e estudar o fenômeno festa. Um desses estudos é o da americana Johnston intitulado *“Parties – A Lyterary Companion”*. Ao prefaciар seu livro John Wells afirma que a palavra inglesa party vem do francês partie, significando apartado, separado, a parte mais que o todo. O primeiro significado de festa para os ingleses, no século XVIII, era político, mas desde o início o sentido estava relacionado com o de “encontro social” de uma parte, de uma exclusividade (donde vem a palavra “apartheid”). Wells, diz ainda que *“o desejo de celebrar é universal”* pois preenche o desejo gregário natural do ser humano (apud SUZUKI JR., 1997).

A festa, em todo lugar, é a vivência de um tempo mágico, que envolve a ansiedade da espera e a preparação, o momento propriamente dito e o pós-festa, com direitos a comentários e recordações. É um tempo de alegria efusiva, contagiante, e para isso é preciso estar por inteiro, conectado harmonicamente com todo o cosmos e com tudo que gira ao seu redor. A festa permite-nos uma sensação de prazer e liberdade onde deslocam-se todas referências em relação aos nossos tempos, espaços, fantasias, desejos e possibilidades. É momento de ampliação e fortalecimento de laços sociais, é um compartilhar e uma cumplicidade.

CAILLOIS (1988) nos lembra que a efervescência da festa, que caracteriza-se pela dança, o canto, a ingestão de comida e bebida, muitas vezes em excessos, opõe-se à vida cotidiana que mantém a ordem do mundo por estar sujeita a um sistema de interditos e preocupações. Para esse autor, a festa possibilita ao indivíduo um remoçar, um reencontro com a plenitude da vida e de robustez que permitirá enfrentar um novo tempo, um novo ciclo.

DA MATTA (1986, p. 67), em um de seus ensaios afirma que *“todas as sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalhos e festa, corpo e alma, coisas dos homens e assunto dos deuses, períodos ordinários e as festas, os rituais, as comemorações, os milagres e as ocasiões extraordinárias”*.

A festa para o povo Pataxó é a possibilidade de expressão da sua cultura, é a manutenção de seus traços culturais, sinônimo da resistência de um povo. O Cacique Tchyundayba também chamado por Manoel Ferreira da Silva disse-me que o "Dia do Índio" "*é uma invenção do branco e lembra que nos tempos antigos, todo dia era dia de índio*" (como nos diz uma música popular), e completou: "*os índios festejam com muita tristeza esse dia, porque lembram das expoliações e massacres de povos e de seus antecessores. Não tem aquela alegria no coração porque foi derramado muito sangue, mas a gente comemora por que só tem esse dia para comemorar*"<sup>4</sup>.

O "Dia do Índio" torna-se, então, um dia marcado para ser festejado, um momento especial onde toda comunidade planeja, constrói, cria, recria, renova. Como diz DA MATTA (1986, p.71), "*é um espelho muito importante pelo qual a sociedade se vê a si mesma e pode ser vista por quem deseje conhecê-la*".

O dia começa cedo com a chegada de vários ônibus de visitantes. Eles recebem com muito prazer as visitas de autoridades locais, de estudantes vindos da própria região, bem como de pessoas vindas de lugares mais distantes. Por toda aldeia encontramos adultos e crianças "vestidos" de índio, com pinturas no rosto e no corpo que identificam a etnia.

É um dia de festa e também de muito trabalho para todos aqueles que passam horas e horas confeccionando colares, flechas, lanças e tantos outros artesanatos de sua rica cultura material. Ao longo da rua várias barraquinhas de exposição e vendas desses produtos e da tradicional mandioca, foram montadas, dando um desenho e um colorido especial. A presença de pessoas diferentes na aldeia se reverte na possibilidade de um retorno econômico.

O caráter reivindicativo da festa pôde ser observado logo na entrada da aldeia, por meio dos dizeres escritos numa faixa, onde os índios explicitavam a luta pela despoluição de um rio. Estranhamente notei que em nenhum outro momento, nem mesmo quando esteve presente o Prefeito da cidade, a reivindicação foi reforçada. Ao conversar com o Cacique, num outro momento, ele me explicou que aquela faixa dizia respeito à uma luta implementada pelos moradores de Betim, o rio em questão era o Paraopeba, momento em que foi solicitado o apoio dos Pataxó. Então, compreendi a falta

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada durante o "Seminário sobre DST/AIDS nas comunidades indígenas", Belo Horizonte, 14/05/98.

de conexão da mesma com a festa, mas o Cacique fez questão de me dizer que não havia problemas em colocá-la, pois todos os índios são defensores da Mãe Natureza e querem ver o meio ambiente preservado.

Um churrasco foi oferecido a toda comunidade e aos visitantes. Para assar a carne foi feita uma vala de aproximadamente 5 m de comprimento e em toda sua extensão o carvão foi esparramado. Grandes espetos, feitos de bambu, com alguns pedaços de carne eram distribuídos, ficando cada pessoa responsável por assá-lo, enfrentando o calor vindo da churrasqueira e do sol causticante. O Cacique lembrou que os espetos são da tradição dos antigos, porém, o modo de assar é uma invenção recente. A bebida oferecida foi o tradicional cauim, feito da mandioca, cozida e fermentada. "*Desde antigamente a gente faz bebidas com a cana, o abacaxi e o gengibre, a gente não conhecia o álcool*" disse o Cacique. O uso e a venda de bebidas alcoólicas é proibido em áreas indígenas.

Homens, mulheres e crianças, cantaram e dançaram músicas próprias da cultura, acompanhados por um violão conectado em uma caixa de som e por chocalhos. Alguns índios cantavam utilizando o microfone. Uma das letras das músicas dizia assim:

*"Penhaô bayxu yndyssype  
precare creânco  
are borytê"*<sup>5</sup>, que em português quer dizer:

*"a pisada do índio é bonita  
ele pisa na beira  
no rastro do outro"*

O Cacique Manoel disse-me que esse canto e a dança são milenares. Eram realizadas pelos homens quando saíam para caçar em fila indiana ao longo da trilha, arrastando pela mata, cantando para que a caçada fosse um sucesso. Ele ainda cantou e traduziu outras músicas, mas num dado momento disse-me que o povo Pataxó não gosta de ensinar a escrever na língua, temem que mais uma vez eles sejam apropriados. Em respeito, não trancrevo-os.

---

<sup>5</sup> A tradução da letra da música foi feita pelo Cacique Manoel que não tem conhecimento de sua grafia. Em função disso eu mesma escrevi em Pataxó, o que certamente permitirá incorreções. O Cacique afirmou que esse trabalho de pesquisa da língua e sua escrita tem sido feito pelos professores-índios da reserva.

Outro grande evento comemorado neste dia foi o casamento de um Pataxó com uma Maxakali. A cerimônia seguiu as tradições Pataxó, estando os noivos pintados de acordo com suas respectivas etnias. As duas filhas da noiva estavam com uma pintura Pataxó de um lado do corpo e do rosto, e do outro, a pintura Maxakali, representando assim, segundo eles, a união dos povos.

Na cultura Pataxó, quando um rapaz pretende enamorar-se de uma moça lança sobre ela, levemente, uma pedrinha. Caso o pedido é aceito, é a vez dela executar o mesmo gesto, então, começam as trocas de olhares e os encontros às escondidas. O pedido de casamento é feito lançando sobre a moça uma flor. Em seguida, o rapaz conversa com o pai da noiva, marcam a data, começa a construir a casa e o roçado. No dia do casamento, os noivos “vestem-se” de índios, dirigem-se até o Cacique ou um líder indígena, responsável pela celebração da cerimônia. Então, perante a família da moça e toda comunidade, o rapaz tem que carregar uma pedra do mesmo peso da noiva por um percurso determinado pelo pai da mesma. Caso não consiga cumprir a tarefa, o casamento não ocorre, é sinal que ele ainda não está preparado para a união. A troca de cocares é o ponto máximo da cerimônia.

Por hora, quero concluir que a festa cumpriu sua finalidade, como foi apontada por Callois, de rejuvenescer a natureza ou a sociedade, renovando em todos a esperança de um mundo de paz e de união entre os povos.

## Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, C.R. *Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 81-95.
- CAILLOIS, R. *o homem e o sagrado*. Lisboa: Edições.70, 1988. p. 95-124.
- DA MATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 67-78.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989. p. 278-321.
- MONTE, N.L. Políticas de educação escolar indígena no Brasil. In: BAY. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação. 1998. p. 44-47.
- OLIVEIRA, L.L. As festas que a República manda guardar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2, n. 4, p. 172-189, 1989.
- PATAXÓ, K. Minha vida na aldeia. In: BAY. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação. 1998. p. 12.

PATAXÓ, W. A prática do meu dia-a-dia em minha sala de aula com os meus alunos com o olho e o pé no futuro e no dia de amanhã. In: BAY. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação. 1998. p. 63.

RODRIGUES, E. Cacique é assassinado com 4 tiros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 maio 1998. Caderno Brasil, p. 5.

SUZUKI JR, M. FESTA! *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 junho 1997. Ilustrada. p. 4-6.

**ABSTRACT:** *All people in all society, have special days in their calendars. These comemoration are distinct for brasilian calendar. There are religious motive (X-mas, Easter, etc), civil (Brazilian Discovery, etc) comercial (Mothers day, Fathers day, etc). Ans also mihor groups in our society wich contenplates as special days, like the Day of the Woman, the Black Concious Day, and the Day of the Indians. Is these article I will discuss the indians, wich before the arrivador the portuguese in Brazil they lived enjoyng at all. When they arrived the indians were forced to many rigourous change, including the territorial structure, social and political of our coutry. It was necessary to establish a day for the brasilian people to remember all of the ones that first livedin our land, the ones that really formed our people. Many off us consider the indians to be a thing of the past. Exotique and folk, for the lack of relative know to the differen cultures. The scholl parties, most of the times, reproduce andrepresent the present as imaginary. Therer for the day of the indian is a farse, the true reality for their living does not care only for comemorations but for their respect and dignity, the freedon of citizenship and their rights. For the indians these days are no more than a reminder of a massacre and blood, and also to comemorate the only day designated them, 19 of april. These article is to reflect all the questions, ending with a description of comemoration of the Indian Day togheter with the people of Pataxó of Minas Gerais.*

**KEY WORDS:** *Day, indians, party.*